

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês

Assinaturas

Continente e Ilhas 24\$00
 Ultramar 29\$00 e 60\$00
 Estrangeiro 35\$00 e 90\$00
 (Séries de 24 números)
 Pagamento adiantado

NOTA:

Consideramos assinante quem, ao receber o 3.º exemplar enviado, o não devolver, gentileza que muito nos desvaneca.

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo AVENÇA

Impressão: dr. Alberto Teixeira Forte
 Composto e impresso na Tipografia Figueirense

Director e Editor
 Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abruja
 Figueiró dos Vinhos

Psicologia e Prevenção dos Acidentes

A prevenção dos acidentes tem, e sempre há-de ter, como objectivo, a protecção do ser humano. Procuram-se instalações, dispositivos, mecanismos, etc., para proteger o homem, mas os acidentes continuam.

O factor principal do qual dependerá o êxito na prevenção do acidente é o homem — ser que pensa e actua, que tem carácter, personalidade, inteligência, mas sendo sempre diferente a natureza destas faculdades de uns para os outros. Por isso mesmo é importante, para as pessoas encarregadas de zelar pelo cumprimento das normas de segurança, conhecer, tanto quanto possível, a natureza destas tendências e de acordo com elas ensinar o melhor método para evitar o acidente.

Há indivíduos que se destacam pela sua coragem para fazer trabalhos arriscados. A coragem é verdadeiramente uma qualidade; mas de forma alguma se deve permitir que esta se transforme em temeridade, que provoca e favorece o acidente. É temerário aquele que presume ser valente. A sua presunção e desprezo pelo perigo pode levar os seus colegas a imitarem-no. Estes indivíduos devem ser constantemente vigiados e obrigados a usarem, a todo o momento, o seu equipamento de protecção.

Outros indivíduos são descuidados, estão sempre distraídos, são «aéreos». Por mais conscientes que estejam do perigo que correm, pensam sempre que podem evitá-lo a tempo, apesar da sua falta de prudência e reflexão. Estas pessoas têm de ser constantemente chamadas à ordem e vigiados todos os seus actos.

Outros não dão importância ao equipamento de protecção e raramente o utilizam. A estes é difícil fazê-los compreender a necessidade da aplicação das medidas de segurança. Só um acidente grave do qual sejam testemunhas os pode fazer meditar. Para estes indivíduos convém relatar, com frequência e fielmente, acidentes graves. Desta forma podem começar a considerar de importância a prevenção dos acidentes.

A falta de confiança e o medo podem favorecer também o acidente.

As pessoas que sofrem de algum destes defeitos não devem ser colocadas em lugares considerados perigosos. Nem as observações vexatórias os podem libertar da sua fraqueza. Somente uma lenta persuasão e o bom exemplo os podem ajudar.

Finalmente, há indivíduos que julgam não poder fugir ao seu destino e pensam que, com ou sem segurança, não poderão escapar ao perigo. São aqueles que costumam ver o seu horóscopo em jornais e revistas... Os princípios da segurança devem lhes ser inculcados com grande severidade.

Mencionámos a persuasão, a chamada à atenção e as exortações como meios psicológicos de pressão para ganhar a confiança de todas estas classes de indivíduos para a causa da segurança, para a prevenção dos acidentes. A influência psicológica deve servir-se de todas as faculdades físicas e mentais do carácter humano, e os melhores auxiliares são, para este efeito, a palavra, as ilustrações e, principalmente, o bom exemplo. Neste sentido, superiores e subordinados devem rivalizar em boa

A Visita Presidencial

Do Governo Civil recebemos o seguinte Ofício que muito nos desvaneca:

«Cumpro o agradável e honroso dever de agradecer a V. Ex.ª a magnífica cooperação e o relevo que o importante órgão da imprensa distrital, que V. Ex.ª dirige, deu à visita de Sua Excelência o Presidente da República ao Distrito de Leiria, nos dias 24, 25 e 26 do passado mês de Outubro, que encheu de entusiasmo toda a população deste Distrito e que se revestiu da maior dignidade e alto sentido patriótico».

Guilherme da C. Luz

Foi confiada ao nosso prezado amigo e assinante na capital, sr. Guilherme da Costa Luz, distinto funcionário superior do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, a gerência da dependência de Santa Apolónia que aquela importante instituição de crédito inaugurou, no passado dia 9 do corrente, na Rua Jardim do Tabaco, em Lisboa, numa afirmação categórica da sua crescente vitalidade e expansão aliadas ao vivo desejo de bem servir comodamente os seus clientes.

Ao sr. Costa Luz, que goza em Figueiró dos Vinhos das maiores simpatias, endereçamos as nossas felicitações com votos sinceros dos maiores êxitos.

Manuel Ferreira

Tivemos o prazer de ver nesta casa o sr. Manuel Simões Ferreira, nosso dedicado assinante no Salgueiro da Lomba (Aguda) que, juntamente com a sua, renovou também a assinatura de seu filho — o sr. Manuel Henriques Ferreira, ausente na África do Sul.

Leonel R. Tomás

Esteve na Milhariça, a passar alguns dias de merecido repouso, o brioso soldado da G. N. R. em Torres Vedras, e nosso assinante, sr. Leonel Rosa Tomás a que saudamos.

vontade. Utilizando eles próprios o equipamento de protecção exercem maior influência nos operários, pois desta forma não só se protegem eles próprios, como também levam os outros a usarem-no sem receio ou ridículo.

Tem razão, Professor!

A propósito de: — «Do entusiasmo ardente à indiferença frígida»

Por: Pires Teixeira

Passaram cerca de 20 anos sobre a data em que deixei a minha terra a caminho desta província que é um prolongamento de Portugal em África. Tanto tempo, meu Deus, sem ver os entes queridos de família, os amigos de infância, os lugares onde cresci, as coisas que formaram meu pequeno mundo na idade em que os sonhos são muitos, filtrados de um tom róseo de encantamento!

Tanto tempo, meu Deus! Sem um momento para o regresso, para a liquidação desta saudade que me queima, para encher meus olhos de tudo quanto constituiu esse mundo de beleza que é o tempo de sermos jovens!

Nesses longos anos de ausência, tão longos que vestiram em mim os sinais certos de uma velhice inconformada, quantas vezes meus olhos choraram, minhas mãos se apertaram, meu espírito vogou em descontrolo, meu coração se comprimiu, minha alma se envolveu no manto triste da saudade! E de amargura também!

Quantas vezes eu deixei sem resposta cartas que reclamavam o meu regresso!

Eu queria de há muito dizer em resposta que uma ausência prolongada não significa o esquecimento, nem de coisas ou pessoas, porque em mim vive inteirinho o meu Figueiró, os seus anseios as suas realizações, as suas virtudes, até os seus defeitos, até as suas frustrações, que são minhas também, que são de todos os que o tiveram por berço, porque um corpo se não divide em partículas estanques, insensíveis à dor quando uma ou outra se debate em sofrimento, porque se a cabeça dói

todo o resto amolece! Eu queria dizer isto, mas jamais adreeguei um momento susceptível labutando afanosamente nas lides jornalísticas, com responsabilidades que me lançam sistematicamente num impacto de 18 e 20 horas de trabalho diário, nem tempo me sobrou para colaborar com relativa assiduidade neste jornal onde

Continuação na 4.ª página

Baptizados

Recebeu a luz da Fé pelo Baptismo no passado dia 1 de Novembro o pequenino Eduardo Alexandre, filhinho extremoso do nosso prezado amigo e assinante, sr. Vasco da Conceição Silva e de sua Ex.ª esposa, sra. D. Maria Ofélia de Almeida e Silva.

Paraninfaram o acto, que teve lugar na Igreja Matriz desta vila, e foi ministrado pelo arcebispo local, Rev.º P.º Belarmino Soeiro, o industrial de Oliveira do Hospital, sr. Alexandre Brito Gouveia e esposa, D. Irene da Silva Brito.

«A Regeneração», assinalando o feliz acontecimento, endereça sinceros parabéns aos ditos pais e implora do Céu as maiores bênçãos para o jovem e mimoso cristão.

—No mesmo templo, recebeu igual sacramento, no dia 8 do corrente, o menino Paulo Jorge, filhinho estremecido do nosso amigo e assinante sr. Lúcio Lopes dos Santos e de sua esposa, D. Maria Angela Bruno e Silva Santos, residentes em Figueiró dos Vinhos.

Foram padrinhos o conceituado industrial de lanifícios e nosso prezado amigo, sr. Aquiles de Almeida Morgado e Ex.ª esposa, D. Aida Arinto Morgado.

Foi celebrante o arcebispo local.

Após as cerimónias religiosas os pais do recém-baptizado ofereceram a um grupo de pessoas amigas um fino almoço no Hotel Terrabela.

O nosso Jornal regista a festiva jornada, implorando para o pequenino Paulo Jorge as maiores bênçãos divinas.

Falta de luz

Pedem-nos alguns habitantes da zona da vila servida pela estrada de Pedrógão que intercedamos junto de quem de direito no sentido de ser revisto o sistema de iluminação pública naquela zona onde as lâmpadas se apresentam frequentemente apagadas.

Aqui fica, pois, o «eco» na esperança de que algo se fará no sentido desejado.

Não deixe que o seu receptor de Rádio ou de Televisão lhe cause dores de cabeça!...

Não se deixe iludir pelo mito da «assistência técnica»!

COMPRE O MELHOR (Grundig - GE - Mediator — Sanyo— a última novidade do Japão)

E se quiser, **efectivamente**, reparar entregue o seu precioso material a uma entidade de confiança...

Consulte: António da Silva Martinho
Livraria e Papelaria Académica
Telefone 39 Figueiró dos Vinhos

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos

Seguros em todos os ramos

Encarrega-se, como agente das Companhias de Seguros

- «A MUNDIAL»
- «DOURO»
- «A SEGURADORA INDUSTRIAL»
- «ESPANHA S. A.»

para o que está devidamente autorizado

Silvino Carreira Marques

Figueiró dos Vinhos — Telef. 30
Chão de Couço — 1011

RELVINHA VERDE

BOUTIQUE

Artesanato - Antiquidades

Decorações

Variedade de Artigos para

Lembranças e Brindes

Rua da Graça 84

Tomar

Maria Amélia dos Santos Alves

Médica

Clínica Dentária

Consultas às 2.ª feiras (das 9 às 12 horas) e aos Sábados

Telefone 98

Figueiró dos Vinhos

Pela Redacção

(Atrasado)

Cumprimentou-nos o sr. José Simões dos Santos nesse assinante em Lisboa, que aproveitou o seu regresso de Alge, onde descansou alguns dias com sua esposa e filha para regularizar a sua assinatura.

— Na Lavandeira, passou o seu habitual período de férias, acompanhado da esposa e filho, o sr. João da Costa Oliveira que antes de regressar a Lisboa veio até nós renovar a sua assinatura.

— Vimos entre nós o nosso dedicado assinante, sr. Marcolino de Carvalho, actualmente em gozo de férias em Sarzedas de S. Pedro, acompanhado de sua família.

— Também cumprimentámos o sr. Almerindo da Conceição Lopes e Silva, radicado em Caldas da Rainha, por ocasião da sua recente visita à sua terra natal.

— Veio até nós o sr. Augusto Coelho Nunes, de Lisboa, que se fazia acompanhar da esposa, deixar nos saudações amigas e renovar a assinatura.

— Esteve nesta Redacção o nosso prezado amigo sr. João Simões Mendes a pagar a assinatura do sr. Acácio de Almeida Santos, ausente em Moçambique.

— Pela sra. Angélica da Conceição Fonseca, foi renovada a assinatura de seu filho sr. Artur da Conceição Fonseca, ausente em Angola;

— A assinatura do sr. José Júlio, de Lisboa, foi actualizada por sua esposa, D. Maria Simões Júlio;

— Cumprimentámos o sr. António Soares Garcia, guarda florestal na Foz d'Alge, que pagou a sua assinatura;

— Recebemos a visita do sr. Albano da Graça Santos, de Vilas de Pedro, que renovou a assinatura do sr. Joaquim Simões Cerca, radicado no Brasil. — Bem-hajam.

Terra de cultura

De rega, sita na Milharia, subúrbios de Figueiró dos Vinhos, vende-se.

Nesta redacção se informa.

Vende-se

Automóvel VAUXALL série 12, em bom estado por motivo de renúncia do seu proprietário. Informa esta Redacção.

Vende-se

Automóvel de Aluguer
Praça de Figueiró dos Vinhos
Informa o Proprietário — Telefone 78

Mário Falcão

Médico

Consultas desde as 15 horas

Telef. 15 (p. t.)

AVELAR

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Materiais de Construção

Sempre aos melhores preços

Ferro, Cimento, Cal Hidráulica, *Martingança*, Tubos de Ferro Galvanizado, Chumbo, Grês e Plásticos.

Material para casa de banho

Mosaicos, azulejos, Banheiras em Ferro Esmaltado, Marmorite, Lavatórios, Lava-Louças, Lava-Copos, Lava-Roupas, Torneiras, etc.

FERRAGENS

Pás de Bico e Quadradas, Picaretas, Forquilhas para Cascalho e d'Arame, Grelhas, Cunhas, Carros de Aterro, um completo sortido de Fichas, Fechos, Fechaduras, Pregaria, Redes de Arame, Tintas, O'leos, Vernizes, Telhas, Tejolos e Adubos

Farinhas e U F - Sanders

Material eléctrico

A. Ferreira Leitão

Figueiró dos Vinhos



Foi sempre o melhor desde 1890...

e ainda não deixou de o ser!

Telefone P. P. C. 50

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Ourivesaria Lourenço

Encarrega se de todos os **consertos**
em **Rádio e Televisão**

Telef. 105

Figueiró dos Vinhos

Companhia de Gás

Depositário - Geral

Necessita-se entrar em contacto com firma conceituada, com domínio em todas as freguesias do concelho de Figueiró dos Vinhos.

Resp. à Rua António Enes, 9 1.º Dt.º

LISBOA

Moreira, Arinto & Mondego, L.da

Certifico que de fl. 40 a fl. 43 do livro de notas para escrituras diversas n.º 51 existe exarada uma escritura, datada de 14 de Agosto de 1964, outorgada perante o notário do cartório notarial de Ansião licenciado Manuel José Ferreira da Cruz, e devidamente assinada pelos outorgantes Emídio Duarte Moreira, casado com Aurora Henriqueta Godinho, residente na vila e freguesia de Avelar, deste concelho de Ansião, e natural da freguesia de Aguda, concelho de Figueiró dos Vinhos; António Simões Arinto, casado com Alice Henriques de Abreu Arinto, residente na vila e concelho de Figueiró dos Vinhos e natural da freguesia de Campelo, daquele concelho de Figueiró dos Vinhos e Jaime Mondego, casado com Maria Isabel Lajoso Mondego, residente na vila e freguesia de Avelar, deste concelho de Ansião, e natural da freguesia de Conceição, concelho da Covilhã, todos industriais e negociantes, pela qual os referidos outorgantes, Emídio Duarte Moreira, António Simões Arinto e Jaime Mondego, constituíram uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada de que ficaram sendo sócios e que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Moreira, Arinto & Mondego, L.da, e a sua sede será na vila e freguesia de Avelar, deste concelho de Ansião.

2.º

O seu objecto é o exercício da indústria e comércio de lanifícios ou outro qualquer ramo de comércio ou indústria que resolva explorar e que não careça de autorização especial.

3.º

A sua duração é indeterminada, mas em nenhum caso por tempo inferior a um ano, a contar de hoje.

4.º

O capital social é de 300.000\$, dividido em três quotas de 100.000\$ cada uma e pertencentes a cada um dos sócios, e acha-se integralmente realizado, em dinheiro.

5.º

A cessão de quotas fica dependente do consentimento da sociedade, à qual é, em todo o caso, reservado o direito de preferência. O sócio que quiser ceder a sua quota ou parte

dela assim o comunicará à gerência, declarando-lhe o nome do adquirente e o preço que lhe é oferecido. A gerência, dentro de três dias, convocará a assembleia geral dos sócios e estes resolverão se a sociedade consente ou não na cessão e, no caso afirmativo, se deve ou não optar. Não usando a sociedade do direito de preferência, este competirá a qualquer dos sócios, querendo-a mais de um, a quota será dividida pelos que a quiserem, conforme for legalmente possível.

4.º

A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo dos três sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, e que receberão a numeração que vier a ser fixada entre eles, bastando, no entanto, a assinatura de dois dos sócios para obrigar a sociedade, devendo sempre um deles ser o sócio Emídio Duarte Moreira, por si ou por seu procurador legalmente constituído. Porém, para o assinatura de correspondência vulgar basta a de qualquer dos sócios.

7.º

Aos sócios é expressamente proibido usar a firma em assuntos que não digam respeito aos negócios sociais, tais como abonações, letras de favor e outros semelhantes, assim como desviar a sua actividade dos serviços da sociedade, estando ao seu serviço ou menos prezá-lo, sob pena de o infractor responder perante a sociedade por todos os prejuízos que lhe causar.

8.º

No caso de falecimento ou interdição de algum dos sócios, a sociedade não se dissolverá e continuará com os representantes do sócio falecido ou interdito, devendo nomear um de entre eles que a todos represente na sociedade.

9.º

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios pode fazer à caixa social os suprimentos de que ela carecer, mediante as condições de juro e reembolso que entre os sócios forem combinadas.

10.º

Anulamente será dado um balanço, que será fechado em 31 de Dezembro, e os lucros líquidos apurados, depois de

deduzidos 20 por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, e nas mesmas condições serão suportados os prejuízos, se os houver.

11.º

Salvos os casos em que a lei exija outras formalidades, às assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, enviadas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência.

12.º

O sócio Emídio Duarte Moreira arrenda à sociedade o edifício onde tem instalada a sua fábrica de lanifícios, composto de casa, com cinco teares, e casa de arrecadação, na vila de Avelar, deste concelho de Ansião, que confronta, tudo, do nascente com serventia, sul com a rua e norte e poente com Viúva Fino e mais um tear, inscrito na Matriz urbana sob o artigo 180, como consta da respectiva folha da caderneta predial urbana, que previamente me foi apresentada e restituí e da guia que adiante se mencionará, e aluga à mesma sociedade as máquinas e utensílios, móveis e ferramentas, que naquele edifício se encontram e lhe pertencem e constam de um inventário pelos sócios devidamente assinado, pela renda e aluguer global de 1.800\$ por ano, sendo 1.200\$ atribuído ao arrendamento do edifício e máquinas aderentes ao solo e 600\$ ao aluguer das máquinas não aderentes ao solo, utensílios, móveis e ferramentas alugados.

13.º

O prazo deste arrendamento e aluguer é de um ano, a contar de hoje, supondo-se sucessivamente renovado por iguais períodos de tempo, desde que não seja denunciado com, pelo menos, 90 dias de antecedência, e a renda será paga, em casa do senhorio, no primeiro dia útil do mês anterior àquele a que disser respeito.

14.º

A sociedade compromete-se a tratar e zelar bem o edifício e as máquinas, utensílios, móveis e ferramentas arrendado e alugados, trazendo as mesmas máquinas, utensílios, móveis e ferramentas reparados nas devidas condições, como novos, e responderá por toda e qualquer deterioração que tanto o edifício como as máquinas, utensílios, móveis e ferramenta sofram por culpa sua.

Tem razão, Professor!

Continuação na quarta página

vas. conducentes a um trabalho de análise que atira de escantilhão o conformismo, a modorra, a frieza gelada de que o professor nos fala ser característica actual na nossa terra, em comparação com outros tempos, para os esconsos da traição aos deveres primordiais que devem colocar o culto do mais são bairrismo, ao nível regional, no primeiro lugar das nossas preocupações.

Eu recorro com muita saudade o Rancho de 1947, que foi a Lisboa arrancar um dos primeiros lugares entre cerca de 200 congéneres no inesquecível cortejo dos Municípios.

Os preliminares dessa viagem, com os ensaios nocturnos na

Casa do Povo, sob a direcção do saudoso Manuel Nunes, ou em casa de seu filho José, sob a orientação amiga e proficiente da simpática Nénita! A primeira apresentação ao público da terra, a representação nas cerimónias de recepção ao sr. Ministro das Obras Públicas que nessa altura visitou Figueiró, as reuniões de confraternização na Quinta dos Paivas! O espírito de família que se enraizou em todos nós, os laços de amizade que se apertaram, as lições de soberbo bairrismo que se produziram!

Quanta saudade, Professor, desses tempos que já não voltam mais!...

E quanta mágoa, quanta tristeza, quanta amargura pela insensibilidade de que nos fala estar invadindo a nossa terra!

Perdoe-me, Professor, esta vinda, esta romagem de saudade, e também eu não digo mal por mórbido prazer, mas, tal como o Professor, por amor à nossa terra, em subsídio, irrelevante mas sincero, de contribuir para que a chama bairrista dos Figueiroenses volte a crepitar, pujante e invencível, para honra e glória do nosso querido Figueiró. Perdoe-me, Professor, mas eu voltarei. E na próxima vez aí estarei falando dos bons tempos da *Banda* de Figueiró através de uma entrevista com uma saudade que por aqui anda personificada no Carlos Fontes que por sinal se chama Carlos Ferreira de Oliveira.

Casamento e

Divórcio

O casamento moderno está sendo um horror? De acordo. Mas não é um horror por causa da indissolubilidade que o mantém; é um horror em virtude da leviandade com que se realiza.

Debalde a Ciência tem provado a potência indestrutível dos instintos atávicos, a influência que o meio exerce no individuo. Quem é que se importa com a família ou com a educação de qualquer dos noivos, quando se trata de casamento? É uma coisa que se faz no ar e que tentam agora também destazer com a mesma ligeireza criminosal!

Contra o modo por que se casa hoje, é bem necessário que se faça uma cruzada inteligente; mas, por Deus, não tentem melhorar ou purificar o casamento pelo meio único que o vai tornar ainda menos respeitável, menos nobre do que os costumes o têm feito.

Nos países em que a lei do divórcio existe e naqueles em que essa lei perigosa e terrível—pois só santos a podiam ter sem abusar dela—ainda não foi promulgada, o mal que dissolve a família é o mesmo, porque as fontes de que esse mal provém não pode o divórcio purificá-las!

Tratem os legisladores, pelas leis que inventem, tratem as sociedades, pelos costumes que façam triunfar, de tornar mais sólida, mais estável, a família, mais educada para a grande missão a mulher, mais compadecido e mais delicado o homem, mais puro de miasmas o ar que a gente moça respira e absorve! Mas não concorram para que a família formada hoje se possa, pela caprichosa vontade de um, desfazer amanhã!

Maria Amélia Vaz de Carvalho
(De Cérebros e Corações)

Por me ser requerido se passou a presente certidão, que vai conforme ao original na parte transcrita, não havendo na parte omitida nada em contrário ou além do que nesta certidão se narra e transcreve.

Ansião, 28 de Agosto de 1964.

O Ajudante do cartório
João Maria Coutinho

Notícias da Graça

Electricidade

Já se encontram bastante adiantados os trabalhos para a electrificação de parte desta freguesia que, possivelmente ainda será inaugurada este ano; também se encontram de parabéns os habitantes do lugar da Pereira por saberem a certeza de que também vão beneficiar da electricidade.

C.

TERRENOS

A mata ou tojeiras
Compram-se

Enviar informações de tamanho e preço

Ao apartado 11—Mealhada

GRANADA

Drogaria — Perfumaria
Brindes
Utilidades Domésticas

Grande e variado sortido aos melhores preços.

GRANADA

Um estabelecimento moderno que rivaliza com os melhores do País.

Rua Dr. António José d'Almeida
Telef. 185

Figueiró dos Vinhos

O Ministro da Agricultura da Alemanha em Portugal

Esteve em Portugal o Ministro alemão da Agricultura, que visitou os perímetros de rega do Caia, do Mondego e do Sorraia, além de importantes centros pecuários, frutícolas e de regadio aplicado.

Com os Ministros da Economia, Negócios Estrangeiros, Ultramar e Obras Públicas ocupou-se dos grandes problemas que porão alto o momento de estreita colaboração luso-alemã.

Na sede da brigada de estudos da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, em Montem o-Velho, no aproveitamento hidrográfico do Mondego, o Ministro da Agricultura alemão e comitiva teve ensejo de confrontar as regiões alentejanas com aquelas em que se encontrava, facto para que lhe chamou a atenção o Subsecretário de Estado das Obras Públicas.

Nos campos do Mondego importa resolver, primeiro, a regularização dos caudais do rio para evitar que cubram as terras durante grande parte do ano; segundo, trazer água para a rega nos meses de deficitário balanço hidrológico; terceiro, criar condições de cultura permanente das terras, visto que o leito do rio, em muitos locais, é mais alto do que os terrenos e é necessário fazer elevação mecânica das águas. O sr. subsecretário de Estado das Obras Públicas referiu, ainda, que, em virtude da multiplicidade de proprietários de terrenos, estava em estudo, e já em adiantado grau, pela Junta de Colonização Interna, o problema da concentração.

O ministro alemão, que escutou atentamente todas as explicações, desejou ser esclarecido sobre áreas de cultura, zonas florestais, áreas de produção de energia, obra hidro-agrícola, investimentos, tipo de cultura, etc.

Na Quinta do Canal o ministro alemão e seus colegas portugueses observaram a exploração agrícola e pecuária dos campos do Mondego e no Centro Nacional de Estudos e de Fomento da Fruticultura apreciaram as modernas técnicas ali usadas no tratamento de pomares e contactou com outras realidades da maior relevância agronómica.

No dia 1 de Novembro, o Dr. Werner Schwarz visitou com o maior interesse a Obra de Rega do Vale do Sorraia, tendo ali tomado conhecimento directo com os seus elementos fundamentais, das áreas de cultura beneficiadas, volume de água fornecida, energia produzida, sede da Associação de Regantes e unidades industriais instaladas, já em laboração.

Elucidado sobre as características barragens do Maranhão e de Montargil, visitou esta última, onde será adaptada a Pousada a casa do Eng.º Residente, voltando a Coruche onde observou na Cooperativa Transformadora dos Produtos Agrícolas e no Posto Experimental de Culturas Regadas tudo o que oferecia prova evidente do largo caminho já realizado.

No regresso a Lisboa o Ministro visitou, ainda, a Estação Zoo-

técnica da Fonte Boa, que foi altamente elogiada pelo visitante germânico, e a fábrica de Desidratação de Produtos Agrícolas da Inter-Agro, no Cartaxo.

No jantar, oferecido à noite na «Casa do Leão» pelo Ministro Werner Schwarz este manifestou a boa impressão colhida durante a sua permanência em Portugal. Acentuou o facto de ter podido apreciar a boa aplicação dos financiamentos alemães e pôs em relevo a excelente colaboração entre o Ministério das Obras Públicas e a Secretaria de Estado da Agricultura. Referiu-se às vantagens da colaboração entre os produtores e os industriais agrícolas, como o melhor sistema de dominar os mercados consumidores. Referiu, ainda a boas condições de clima, do solo e das infra estruturas—«Standard»—, melhores que as da Alemanha, para salientar os aspectos da nossa riqueza florestal.

Em seguida, teve palavras de rasgado elogio para a zootecnia portuguesa, de que acabara de ver uma magnífica estação na Fonte Boa. Terminou com uma saudação ao Governo português e com votos de prosperidade para a agricultura portuguesa, pela qual o Governo tanto se interessa.

Ao regressar à Alemanha, no dia 2, foi com inteira verdade que o Ministro Wener Schwarz, declarou à Imprensa:

Estudei muitos dos vossos problemas de agricultura e posso aqui afirmar que empregarei todos os meus esforços para me tornar útil a uma colaboração luso-alemã neste campo»

C. A. H.

Feliciano Damião

Passou entre nós o seu habitual período de férias, acompanhado de sua esposa, este nosso dedicado leitor na capital, onde é distinto funcionário bancário.

Ao sr. Feliciano Damião, que antes de regressar a Lisboa se dignou procurar-nos para renovar a assinatura e apresentar as suas despedidas, apresentamos os nossos agradecimentos com votos dos maiores êxitos pessoais.

João Tavares

Agradecimento

«Aduzinda Henriques dos Santos Tavares, Aura dos Santos Tavares Simões, Casimiro Tavares de Campos, Maria Eufémia Marques de Campos e José Simões dos Santos, na impossibilidade de o fazerem directamente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada o seu sempre saudoso e querido marido, pai e sogro, ou de qualquer modo manifestaram o seu pesar».

A vila sem água!

Se bem que não duvidemos das boas intenções, esforços e apurado sentido de bem-servir das entidades afectas ao caso, nem por isso achamos menos licito pôr em destaque as contradições acarretadas aos figueiroenses pelas faltas de água que diariamente se verificam na rede de distribuição domiciliar.

Fazemo-lo, aliás, dentro do melhor espírito construtivo e obediendo aos ditames da nossa consciência de imprensa regional.

E' um problema que vai «envelhecendo» sem encontrar a solução desejada.

A zona «alta» poucas horas no dia beneficia do precioso líquido que nas restantes zonas «seca» do fim da tarde, até à manhã do dia seguinte. Isto para não falar dos frequentes reventamentos de canos que determinam outras tantas interrupções...

Falta de caudal? Estado ruinoso da rede?

Como quer que se conjuguem os dois factores, uma verdade permanece inalterável: continuamos sem água nas torneiras embora persistamos na designação de «estância de turismo» com que um dia fomos «baptizados», já não sabemos se por felicidade nossa, se por mal dos nossos pecados...

Enquanto não se faz «qualquer coisa» de concreto e, se para tanto lograrmos permissão, ousamos alvitrar que se fixe um período certo durante o dia para o abastecimento que, moralmente, deve ser do mesmo tamanho para todos os consumidores e ter em devida conta que os cafés, pensões, hospital, etc. precisam de água ao menos até à meia noite e também antes das 8 da manhã.

A Junta Nacional do Vinho informa e aconselha:

1.º—Como sucedeu na campanha que está a terminar, a próxima campanha terá início em 1 de Janeiro, sendo proibido o trânsito de vinhos novos antes daquela data e pouco aconselhável que os vinicultores, sem conhecerem ainda a tabela da Junta que irá ser estabelecida, façam já contratos de promessa de venda futura por preços que podem vir a revelar-se como de prejuízo;

2.º—A Junta Nacional do Vinho, em íntima colaboração com os representantes da viticultura no seu Conselho Geral, tem quase concluído o estudo dos moldes da intervenção no mercado (financiamento e compra de vinhos) a praticar na próxima campanha, o que constitui mais um motivo para não ser prudente a viticultura estar a aceitar preços inferiores aos que poderá vir a praticar e a dar atenção a certas notícias e informações sem fundamento, que, certamente, não são concebidas para benefício dos vinicultores;

3.º—Por outro lado, está a admitir-se que a intervenção no mercado possa ser acompanhada de outras medidas complementares que tornem muito mais eficiente a defesa dos preços, medidas estas que não poderão, naturalmente, beneficiar aqueles que—antes do início da cam-

Tem razão Professor!

Continuação da primeira página

ensaiei os primeiros passos conducentes à profissão que venho desempenhando. Penas são minhas que trago ainda no melhor lugar do meu coração esta «Regeneração» que é uma saudade latente dos saudosos Dr. Simões Barreiros. Padre António Inglês e Professor João Semedo, e que é o melhor embaixador da terra de todos nós, servindo o seu progresso, o seu engrandecimento, a sua propaganda.

O Professor José Rodrigues Dias apressou este regresso que eu tanto desejei, e que sempre acarlinhei, embalado na esperança e na fé que nunca perdi.

Ao ler a crónica publicada em 1 de Outubro, subordinada ao título—«Do entusiasmo ardente à indiferença frígida»—onde o autor deu a marca inconfundível da sua alma de bom Figueiroense e de grande jornalista, num desafio leal e oportuno ao bairrismo de todos aqueles que tiveram a felicidade de nascer na «Sintra do distrito de Leiria», senti o dever indeclinável de apoiar, trazendo em aplauso justo que se não é um estímulo válido de grande representação, tem pelo menos a virtude da sinceridade. Em ressalva deontológica todos os figueiroenses terão de estar com o professor Rodrigues Dias e só assim se podem envolver de coerência implicada pelo bairrismo sadio e objectivo.

Distante da minha terra, dela separado há tantos anos (separação física que nanja espiritual), não deixei, contudo, de acompanhar o palpitar fremente do seu coração, as suas actividades, a sua sede de crescimento, as suas alegrias e tristezas.

Daí esta achega. Por isso esta reacção, natural, humana, em face das palavras repassadas de mágoa do professor Rodrigues Dias.

Palavras, acusações frontais, que eu senti profundamente, porque são verdades amargas verdadeiras como punhos.

Também eu, professor, recordo com muita saudade os melhores tempos da nossa terra. Quando dispúnhamos de uma Banda que era um cartaz positivo de propaganda da nossa terra, que percorria o distrito e além do distrito, levando o nome de Figueiró e honrando-o sobremaneira, nas notas suaves de harmonioso ritmo de boas peças de música, que acabaram por transformar-se num símbolo das possibilidades artísticas dos nossos executantes, numa indelével homenagem da nossa sensibilidade. Quando me dizem que ao Senhor Bom Jesus da Sobreira que veio a Filarmónica de Alvaizere, eu tenho de recordar com infinita saudade as jornadas gloriosas de Coimbra, de Aviz, de tantas outras terras que serviram de palco a rutilantes triunfos da nossa Banda, desde os tempos de Serra e Moura, Mar-

nha—já tiverem prometido a venda dos seus vinhos em condições inferiores às da tabela.

Eis o que, em defesa dos legítimos interesses da viticultura, é de meu dever levar ao conhecimento de V. Ex.ª, na certeza de que, com a colaboração de todos, se poderá alcançar uma eficiente intervenção na próxima campanha.

ques Fouto, Morais Franco, Marques Neto, Cruz, Batalha e tantos outros valores da música, homens dedicados que serviram excelentemente Figueiró, e bem alto soberaram elevar a sua bitola de valor.

Como recordo os concertos no Parque, onde acorria pressurosa a gente da nossa terra, nas tardes amenas de verão, para se deleitar nas doçuras do ritmo e se orgulhar da sua Banda, e esquecer os momentos maus que a vida oferece a todos nós. Tempos bons esses, Professor, quando o bairrismo não era palavra vã, quando se pensava mais em Figueiró, com mais amor, com menos espírito materialista.

Quanta saudade isto nos faz! Quando as notas marciais do «Alto Camarada» ou da «Cavalaria Rusticana», as suaves do «Casulo», do «Rigolletto» ou da «Avé-Maria» de Schubert arrancadas com amor e arte pelos Limas pelo Carlos Fontes, pelo «Picó», pelo Quim Leitão, Manuel Fonseca, Manuel Canário, Joaquim Augusto, e tantos, tantos mais, por todos aqueles que fizeram época, que constituíram uma elite musical na nossa terra, enchiam as ruas da Vila, fazendo os corações sorrir e as almas embandeirar, e o orgulho da gente subir e o nosso bairrismo atingir o ponto máximo de exaltação!

Que tempos esses, Professor! Que saudade nós temos!

Como é que nessa época seria possível pensar-se sequer (quanto mais materializar!) no recurso a uma Banda estranha para abrihantar as festas da nossa terra! Tomava forma efectiva sim o contrário, com a Banda de Figueiró disputada por terras vizinhas e distantes, porque era ponto assente essa acção de presença para efeitos de garantir o êxito de qualquer festividade nas romarias típicas ou nos festejos tradicionais.

Como tudo muda, meu Deus! Sim, Professor, Figueiró teve também o seu Rancho Folclórico. E que foi motivo de muita honraria para a nossa terra. Eu posso falar do Rancho, embora o faça com tanta saudade que a voz se me embarga e as palavras mais se assemelham a soluços. Eu estive lá Professor, integrando um dos Ranchos Folclóricos que dos maiores êxitos adregou para nossa terra natal. Fui um apaixonado que vivi com ardor a existência dum conjunto que se não envergonhou da sua acção em prol de Figueiró.

O Professor foi jovem também, e não quero significar que seja um velho, porque os anos não contam quando o espírito mantém a frescura da mocidade, e desse tempo de seus verdes anos terá muito para contar, que a sua época, segundo a história que nos veio de boca em boca de seus contemporâneos, foi ainda mais preta de realizações que a minha. Sabe quanto se viviam essas manifestações em Figueiró, o carinho que as rodeava, a objectividade que as informava.

Bons tempos, Professor! Quando me falou do Rancho minha saudade extravazou, e por mim perpassaram recordações indelévels, levando-me a indagações retrospectivas e introspectivas.

Continua na 2.ª página